

Adriana Ruson



REVISTA DO MUSEU PAULISTA

NOVA SÉRIE
VOLUME XIV



SÃO PAULO

1963

505
R3

10 NOV 1963

REVISTA

DO

MUSEU PAULISTA

A correspondência deve ser endereçada ao
Diretor da

"REVISTA DO MUSEU PAULISTA"

Prof. Dr. HERBERT BALDUS
Caixa Postal 8032
SÃO PAULO
BRASIL

As publicações enviadas em permuta devem ser
endereçadas à

BIBLIOTECA DO MUSEU PAULISTA

Caixa Postal 8032
SÃO PAULO
BRASIL

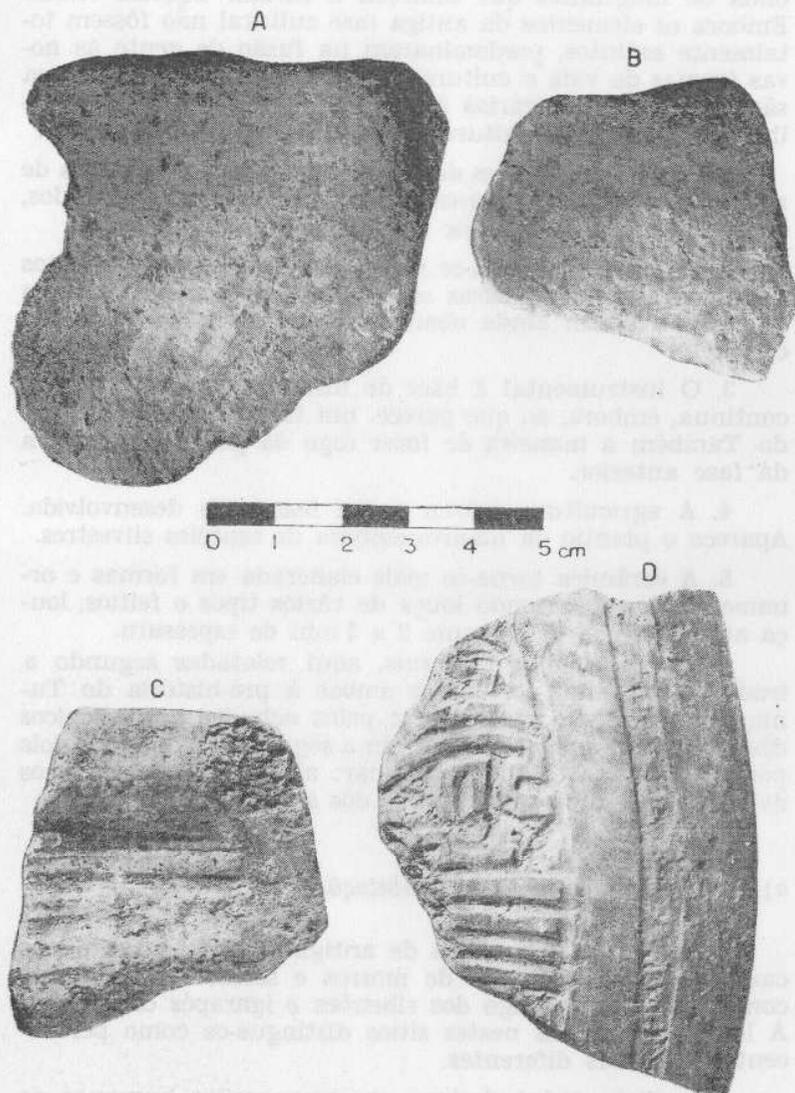
INDICE

	Pág.
HERBERT BALDUS Discurso presidencial na VI Reunião Brasileira de Antropologia	11
LUIS DE CASTRO FARIA Dez anos após a I Reunião Brasileira de Antropologia	17
EDUARDO GALVÃO A Etnologia Brasileira nos últimos anos	38
HERBERT BALDUS Métraux e a Etnologia Brasileira	45
JÚLIO CEZAR MELATTI O mito e o Xamã	60
ROQUE DE BARROS LARAIA "Arranjos poliândricos" na sociedade suruí	71
MÁRIO F. SIMÕES Os "Txião" e outras tribos marginais do Alto Xingu	76
EXPEDITO ARNAUD A terminologia de parentesco dos índios Asurini	105
EDUARDO GALVÃO Elementos básicos da horticultura de subsistência indígena	120
PROTÁSIO FRIKEL Notas sobre a situação atual dos índios Xikrin do Rio Cacteté	145
BERNARDINO DE CARVALHO Waiká — Breves anotações informativas	159
WILLIAM H. CROCKER A preliminary analysis of some Canela Religious Aspects'	163
PIERRE CLASTRES et LUCIEN SEBAG Cannibalisme et mort chez les Guayakis	174
ROBERTO DA MATTA Notas sobre o contato e a extinção dos índios Gaviões do médio rio Tocantins	182
ETTORE BIOCCA A penetração branca e a difusão da tuberculose entre os índios do rio Negro	203
EDSON SOARES DINIZ Convívio interétnico e aglutinação intergrupala	213
EDUARDO GALVÃO O cavalo na América Indígena	221
MARCOS MAGALHÃES RUBINGER O desaparecimento das tribos indígenas em Minas Gerais e a sobrevivência dos índios Maxakali	233
EGON SCHADEN Estudos de aculturação indígena	263

16 NOV 1983

HIROSHI SAITO A aculturação de japoneses no Brasil e Peru	269
RUTH CORREA LEITE CARDOSO Organização familiar entre os japoneses de São Paulo.....	277
GIOCONDA MUSSOLINI Os japoneses e a pesca comercial no litoral-norte de S. Paulo	283
EUNICE RIBEIRO DURHAM Mobilidade do imigrante italiano na zona rural	299
MARIALICE M. FORACCHI A valorização do trabalho na ascensão social dos imigrantes	311
ALTIVA PILATTI BALHANA e OKSANA BORUSZENKO Alguns problemas de aculturação nos Campos Gerais	321
LYGIA ESTEVAO DE OLIVEIRA Posição relativa aos sexos em uma comunidade pesqueira de Pernambuco	333
THALES DE AZEVEDO Problemas metodológicos da sociologia do catolicismo no Brasil	345
RENE RIBEIRO Melville J. Herskovits: o estudo da cultura e o fator humano	377
RUY COELHO Alguns problemas epistemológicos do relativismo cultural	423
FERNANDO ALTENFELDER SILVA Considerações sobre a arqueologia brasileira	431
MARIA DA CONCEIÇÃO BECKER e DENIZART P. DE MELLO FILHO Ensaio de tipologia lítica brasileira	439
NAPOLEAO FIGUEIREDO e MARIO F. SIMÕES Contribuição à arqueologia da fase marajoara	455
PROTASIO FRIKEL Tradição tribal e arqueologia no Tumucumaque	471
IGOR CHMYZ Nota prévia sobre a jazida PR UV A-1 (63): Kavales	493
FRANCISCO M. SALZANO Oportunidades atuais de colaboração entre antropologistas e geneticistas do Brasil	513
P. H. SALDANHA A análise antropológica a serviço da genética	517
E. SALLES CUNHA Afecções alvéolo-dentárias de população do Sambaqui de Cabeçuda	523
MARIA JULIA POURCHET Planejamento de uma pesquisa genético-antropológica	531
ENY DE CAMARGO MARANHÃO Nota prévia sobre um estudo antropológico e genético	539
Irmã MARIA AMELIA GUARACIABA e CARLOS SCALZO FILHO O crescimento e desenvolvimento infantis na população nipo-brasileira de Bauru	543

ESTE VOLUME FORMA UMA SELEÇÃO DOS TRABALHOS LIDOS NA VI REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA REALIZADA EM S. PAULO, DE 8 A 12 DE JULHO DE 1963.



Cerâmica decorada do teso "salitre"
A — Engôbo branco
B — Pintada
C — Raspada
D — Excisa

TRADIÇÃO TRIBAL E ARQUEOLOGIA NO TUMUCUMAQUE

por

PROTÁSIO FRIKEL

Faz aproximadamente 4 anos que a arqueologia do Tumucumaque nos atraiu. Não tanto por achados extraordinários e sim, pelas conexões. O que mais despertou o nosso interesse foi o fato de ainda existir entre os indígenas da região, os índios Tiriyo, uma extensa tradição oral concernente a sítios e fatos históricos, ocorridos naqueles lugares em tempos idos. A memória tribal, em parte, retrocede a épocas, em que, naqueles rincões, ainda existia uma população autóctone, pré-ceramista, vivendo à base de coleta, com caça e pesca suplementares, sem casas e sem aldeamentos definidos, etc. Refere-se ainda, a dita tradição a sítios arqueológicos diferentes em tipos de louça e de situação na mata ou em campos; a cavernas, outrora habitadas, nas montanhas que orlam o recôncavo do Tumucumaque; a sítios cerimoniais, onde os ancestrais, embora transformados em pedras, continuam a sobreviver nas lendas e crenças populares. (1) A tradição funciona, pois, como um elo entre o passado e o presente, não só em termos de espaço e tempo, mas também culturalmente, como elo entre tipos de culturas passadas e a atual, ou seja, entre a arqueologia e a etnologia daquele território. Talvez a tradição nem sem-

(1) — Para reconstituir as fases arcaicas fizemos largo uso da tradição e memória tribal dos Tiriyo, sempre que aparentemente apoiados em fatos arqueológicos. Contudo, é este um tipo de informação de controle extremamente difícil, pelo que, provavelmente, se encontrarão no texto omissões, reinterpretções e mesmo contradições. Outrossim, o método aqui empregado, embora pouco usado no Brasil, não é de todo novo e já aplicado em estudos etno-históricos. Sobre este assunto Baerreis se estende mais no seu artigo "The ethnohistoric approach and archaeology" (in: Ethnohistory, Vol. 8, N. 1, Winter 1961, pg. 49 sq.), relatando inclusive trabalhos com a mesma abordagem, realizados por Laguna e outros. O autor cita ainda Laguna dizendo que este método "has demonstrated that archaeological, ethnological, and historical data, if combined and analyzed together, can give a deeper insight than any one type of material or one methodology alone." (idem, p. 58).

pre seja acurada em todos os seus pormenores. Mas, nos seus traços gerais, ela mostrou-se exata, como tivemos ocasião de verificar freqüentemente. Como um dos resultados dêste estudo da tradição tribal referente a acontecimentos culturais do passado, pudemos apresentar na última reunião da ABA, em Belo Horizonte, um resumo esquematizado sôbre as "fases culturais no Tumucumaque". Baseados naquele mesmo esquema pretendemos indicar, agora, alguns dos resultados ligados diretamente à arqueologia da região. Seguindo a indicação já feita, podemos, então, distinguir três setores arqueológicos:

- I. Sítios de habitação
- II. Cavernas, grutas e lapas
- III. Sítios cerimoniais

I. Sítios arqueológicos de habitação.

A tradição Tiriyo relata que, em épocas mais remotas, seus ancestrais eram, essencialmente, habitantes dos campos. E embora visitando, ocasionalmente, as matas para caçar, coletar e procurar os materiais necessários para a fabricação de seus utensílios, voltavam sempre para os campos. Esta época caracteriza-se pelos seguinte fatores:

1. Moradias nos campos, preferencialmente no alto de morros e serras descampadas, de difícil acesso, e, por isso mesmo, longe da água.
2. Grupos pequenos, instáveis, com grande mobilidade espacial dentro de um território mais ou menos fixo. Nota-se a ausência de aldeamentos e casas propriamente ditas. O tipo de habitação era o de acampamentos móveis, compostos de para-ventos de construção simples. Onde havia possibilidade, aproveitavam-se também grutas, lapas e cavernas.
3. Os instrumentos de trabalho eram confeccionados à base lítica, complementados por artefatos de osso, madeira e outros materiais. O fogo tirava-se da pedra e era mantido vivo continuamente.
4. A existência de uma agricultura incipiente, rudimentar ainda. Nota-se a ausência da mandioca e de outros tubérculos.
5. Existia um nível cerâmico, apresentando uma louça simples, embora já definida em formas e tipos.

Este ambiente, mais tarde, mudou por causa de uma onda de imigrantes que começou a invadir aquelas terras. Embora os elementos da antiga fase cultural não fôssem totalmente extintos, predominaram na fusão de gente as novas formas de vida e cultura. As características desta época são, em parte, contrárias às da fase anterior e mais semelhantes às do nível cultural atual dos Tiriyo. Observam-se:

1. Moradias em regiões de matas, nos vales e nas beiras de rios e igarapés, em lugares planos, mas bastante elevados, para ficar fora do alcance das águas das enchentes.
 2. Os grupos tornam-se mais estáveis, com aldeamentos definidos e tipos de casas semelhantes aos atuais, se bem que não tivessem ainda abandonado as grutas e lapas por completo.
 3. O instrumental à base de líticos, de osso e madeira continua, embora, ao que parece, um tanto mais aperfeiçoado. Também a maneira de fazer fogo da pedra é a mesma da fase anterior.
 4. A agricultura entrou numa fase mais desenvolvida. Aparece o plantio da maniva embora de espécies silvestres.
 5. A cerâmica torna-se mais elaborada em formas e ornamentação, aparecendo louça de vários tipos e feitios, louça até finíssima, de somente 2 a 3 mm de espessura.
- Estas duas fases culturais, aqui relatadas segundo a tradição indígena, pertencem ambas à pré-história do Tumucumaque e são confirmadas pelos achados arqueológicos destes últimos anos. Na exposição a seguir, escolheremos dois pontos para um estudo preliminar: a) os sistemas arcaicos de habitação; e b) as cerâmicas dos sítios daquelas fases.

a) Os sistemas arcaicos de habitação.

Existem, de fato, sítios de antiga habitação tanto nos campos abertos, no alto de morros e serras descampadas, como também ao longo dos ribeirões e igarapés das matas. A louça encontrada nestes sítios distingue-os como pertencentes a épocas diferentes.

A tradição tiriyo designa os componentes humanos de ambas as fases com o nome de Aibüba, fazendo, todavia, uma distinção entre dois tipos culturais: os moradores dos campos e os da mata. Em falta de outro material mais esclare-

cedor, cremos poder adotar êste critério indígena, falando, em seguida, dos Aibüba dos campos (da fase mais antiga, pré-tiriyó) e dos Aibüba da mata (da fase mais recente, proto-tiriyó).

Olhemos, primeiramente, para os Aibüba dos campos.

Êste povo escolhia sempre para local de seus acampamentos lugares que lhes possibilitavam vista larga sôbre as vizinhanças, controlando assim o terreno ao redor para notar a tempo a aproximação de caça, de amigos ou também de inimigos. Tais casos são mencionados, freqüentemente, em relatos histórico-tribais. De fato, no alto de muitíssimas colinas e serras, encontramos restos de tais acampamentos. E embora situados no tôpo, ficam sempre um pouco para o lado leste. Esta situação e orientação leste é tão generalizada que, necessariamente, se tem que concluir pelo hábito de fazerem acampamentos pelo lado do sol nascente.

Pela tradição, êstes acampamentos são descritos da seguinte maneira: todos os grupos se compunham de várias famílias, cada uma com seu próprio tapiri ou para-vento. Êstes ficavam agrupados ao redor de um lugar aberto e limpo, que fazia as vêzes de um terreiro, em cujo centro se mantinha uma fogueira. A noite, de costas contra o fogo e de borduna em riste, encostada contra o ombro, parte dos homens ali se sentavam e, enquanto os demais homens, crianças e mulheres dormiam, vigiava o grupo contra assaltos de feras ou de inimigos.

Muitas vêzes, em nossas excursões pelos campos e colinas, encontramos lugares que confirmam as disposições alegadas nesses relatos. Um dos mais marcantes acha-se no alto bastante plano de um lombo de serra, na fralda sueste do Tühtakariwai. Em distâncias de 5m aproximadamente um do outro encontram-se 5 lugares de fogo, marcados pelas respectivas trempes de pedra ainda existentes e com fragmentos de louça pelos lados. Conhecendo a vida indígena, tem-se a nítida impressão de que aqui estacionaram 5 famílias. Embora o chão do centro fôsse bem duro, não foi possível reconhecer vestígios de fogueiras. Talvez escavações dessem mais resultado.

Lugares semelhantes a êste estão espalhados por todos os campos daquela região. Constituíam uma espécie de acampamentos ocasionais ou periódicos de coletores, onde estacionavam pequenos grupos de poucas famílias em excursões de caça e coleta por algum tempo, dependendo a sua demo-

ra nesses sítios das circunstâncias encontradas. Baseando-se a vida daquela época predominantemente na coleta, explica-se por um lado que o grupo necessariamente era bastante instável, com ampla mobilidade territorial, mudando-se para outro local assim que o anterior não rendesse mais, sistema do qual, por outro lado, resulta uma enorme quantidade de tais sítios. Êste sistema de vida não exclui a volta para os mesmos locais já anteriormente habitados em outras épocas do ano ou durante as mesmas estações em anos sucessivos.

Além disso, a tradição não fala sômente de sítios dêstes grupos que vagueavam pelos campos em busca de sustento, mas indica ainda, concretamente, que existiam centros populacionais, aos quais êstes grupos pertenciam e que lhes serviam de base donde saíam e para onde sempre de nôvo voltavam. As populações dêstes vários centros, embora pertencentes ao mesmo povo com costumes e línguas idênticos, parecem ter possuído autonomia interna, enquadrando-se no total da tribo como subgrupos, sipes ou linhagens, semelhantemente como hoje ainda acontece com os próprios Tiriyó. Tais centros eram Mopéwaka, Terêcheróge, Taitái, Ruehpe, Makupina, Tühtakariwai e uma série de outros sítios e serras. Muitos nomes de chefes daqueles centros de população antiga entraram no rol das figuras históricas aibüba e são conhecidos ainda hoje pelos Tiriyó.

Êstes centros mencionados tinham que servir, ao mesmo tempo, como reduto de segurança para o grupo. Por isso não eram estabelecidos em qualquer colina ou serra. A escolha dependia das possibilidades naturais de defesa e de escalada. Algumas dessas serras de antigos acampamentos são abruptas e íngremes e oferecem sômente um lado de acesso. E mesmo neste lado, nem todos os lugares se prestam para a subida. Ao rol dêste tipo de sítios antigos pertencem as serras de Terêcheróge e Taitái, ambos com uma altura de aproximadamente 600 m. O Terêcheróge oferece praticamente só 2 estreitas passagens e o sítio de habitação se encontra num lagedo aberto, no tôpo da serra. O outro, o Taitái é constituído na parte superior por um enorme maciço granítico que em 3 lados cai a pique por mais de 50m, formando em seguida ladeiras íngremes. O único lado de acesso é de defesa relativamente fácil.

Aí no alto, sôbre a rocha nua, existe um sítio de cerâmicas com uma camada de fragmentos de 10 cm de espessura e numa extensão de cêrca de 30x50 m.

Outras vezes, tratando-se de serras menos íngremes ou de ladeiras até bem acessíveis, estes lugares de acampamentos possuíam defesa não menos eficaz, a saber, pântanos que se estendem ao redor, cercando-os quase por completo, deixando, as mais das vezes, um único lado acessível. Só um bom conhecedor daqueles pântanos tem possibilidades de passar por eles. É a vantagem, no caso de um ataque imprevisto. Também neste tipo de estabelecimentos indígenas colhemos as nossas experiências. O Ruéhpê p. ex. (O Morro Grande do Cemitério dos Mapas) é rodeado por um extenso pantanal e só tem um acesso, mais ou menos aberto, pelo lado noroeste. Embora sendo alto verão quando o visitamos e possuindo como companheiros alguns guias tiriyo, fizemos várias tentativas frustradas para atravessar o pântano que se estende ao seu pé, até encontrarmos, finalmente, um lugar adequado. Mesmo assim tivemos que passar algumas centenas de metros por lama, lodo e água estagnada. Na época da chuva, com os campos inundados, é praticamente impossível ladear estes pantanais.

Em resumo, pois, é o seguinte: os antigos Aibüba dos campos tinham uma nítida idéia do aproveitamento das condições que a natureza oferecia para a defesa do grupo. Os lugares escolhidos, rodeados por pântanos ou situados no alto de serras abruptas e quase à pique, comparáveis a "burgos" primitivos, eram (e ainda são) realmente de difícil acesso e de defesa relativamente fácil além de oferecerem ainda aos seus habitantes, como bons conhecedores do terreno, boas probabilidades de escaparem, em casos de surpresa ou de malôgro na defesa.

A tradição menciona, ainda, uma série de pormenores quanto a estes lugares e tipos de defesa, que não podemos incluir aqui por falta de espaço. Todavia seja indicado que eles conheciam também um sistema de vigilância, exercida pelos homens, em postos mais avançados no sopé das serras, enquanto as crianças e mulheres passavam as noites nos redutos do alto, em segurança. Tais serras, freqüentemente, constituíam verdadeiros pontos estratégicos, cobizados também por grupos vizinhos de etnia diferente. E houve lutas sangrentas por sua posse. Um exemplo típico é a serra do Wúipi, onde houve várias fases de ocupação: primeiramente por grupos autóctones, pré-ceramista; depois pelos Worídjana que foram expulsos pelos Aibüba, os quais, por sua vez, tinham que se defender contra invasores wáyana das bandas do Parú de Leste, derrotando-os por fim. De fato, no Wúipi existem vários sítios arqueológicos com tipos de

louças diferentes, sítios que visitamos ligeiramente, porém, sem estudá-los.

Enquanto assim estamos relativamente bem informados, pela tradição e pela arqueologia sobre a habitação nesta fase pré-tiriyo, as informações rareiam mais sobre a fase seguinte, a dos Aibüba da mata. Os sítios que encontramos, mas que ainda não foram suficientemente estudados, realmente agrupam-se ao longo dos rios e igarapés já dentro da mata alta. A louça, como ainda veremos, difere um tanto. Sobre a disposição de casas e aldeias propriamente ditas e que já são relatadas para esta época, sabemos somente que estavam situadas em lugares planos no alto de barrancos ou de pequenas ladeiras, fora do alcance das enchentes, porém sempre perto da água. Depara-se, basicamente, com uma situação semelhante à das aldeias tiriyo atuais embora talvez menos desenvolvidas ainda, quanto aos tipos de casa. Em certas regiões os antigos sítios se emendam uns com os outros, formando quase filas ao longo dos igarapés. Assim, p. ex., no Mopéwaka, no Mapirimpe, Méréyo etc. No começo desta fase, grutas e lapas ainda eram habitadas, como provam os fragmentos de louça ali encontrados. Embora esta última fase não se tenha dado em época tão recuada, é difícil determinar-lhe o tempo. Todavia, enquanto para os Aibüba dos campos somente podemos indicar épocas relativas em termos de fases culturais, para estes Aibüba da mata aparecem dados mais concretos para colocá-los no tempo, a saber, indícios de contactos com os europeus: miçangas de louça (holandesa/portuguêsa) e especialmente machados de ferro forjado, de tipos antiquados como eram usados no século XVII e XVIII. Outrossim, o nosso principal informante mostrou-nos em certo sítio do Mapirimpe, pertencendo a esta fase, uma sepultura ainda reconhecível, alegando tratar-se da "mãe da mãe da sua avó" isto é da sua tataravó. Cinco gerações indígenas dariam mais ou menos 150 a 200 anos e assim chegaríamos novamente perto do século XVIII. Podemos, pois, dizer que este tipo de cultura arcaica há 200 anos ainda estava em vida e que a mudança cultural para a atual fase tiriyo não abrange mais de 2 séculos, se tanto fôr.

b) A cerâmica aibüba.

Até o momento, ainda não foi possível fazer um estudo acurado daquela louça. Geralmente ela se apresenta bastante fragmentada, motivo porque somente poderemos for-

necer uma descrição generalizada da mesma. Todavia, também aqui parecem distinguir-se pelo menos dois tipos de cerâmica, correspondentes às duas fases culturais mencionadas: a dos Aibüba dos campos e a dos Aibüba da mata.

A louça dos campos — É uma louça simples e, em sua grande maioria, sem decoração. Quando existe, o que é raro, são simples sulcos e linhas paralelas horizontais abaixo das bordas. Aparecem bordas com leves incisões no alto, dando-lhes um aspecto denteado. Típico da louça dos campos são pequenas alças verticais que, segundo a explicação tiriyo, não serviam para pegar ou carregar o vaso, mas para segurar uma corda ou um cipó que passava ao redor da borda e da qual subiam 3 ou 4 tiras do mesmo material, entrelaçadas entre si, com a função de alça para carregar a panela mais comodamente nas excursões pelos campos. As formas de vasos variam entre tipos de tijelas e vasos globulares, possuindo fundo arredondado, ou achatado, sendo este último formado por engrossamento do barro ou ainda por um pequeno pedestral. As bordas são retas ou levemente curvadas para fora com lábios, as mais das vezes, arredondados. Além de vasos, encontram-se, ainda torradores e fusos de barro. Os fatores de ordem puramente técnica são comuns e uniformes a toda esta cerâmica. A estrutura e maneira de confecção baseia-se no sistema espiralado. Como têmpera servia areia quartzosa, bastante granulosa, do que resulta uma aparência áspera e arenosa da textura do barro. Em peças erodidas, destacam-se grãos de areia e pedaços relativamente grandes de quartzo, ao lado de freqüentes bolsas de ar. A cor do barro, tanto da superfície dos vasos, como do núcleo central das paredes, varia entre avermelhado claro e marron escuro, incluindo variações de cinzento que se encontra em percentagem não muito baixa. Ao que parece, as peças eram só levemente alisadas com seixos, pois a maior parte dos fragmentos de louça é áspera e suscetível a erosão, favorecida pela situação em pleno campo aberto.

A louça da mata — O segundo tipo de louça encontra-se mais nas regiões de mata, incluindo, todavia, a região intermediária de transição para o campo. Esta louça tem uma série de fatores básicos em comum com o tipo já descrito, tais como: a técnica em espiral para sua confecção; a têmpera de areia quartzosa, embora aqui mais fina; as cores de barro que, da mesma forma, variam entre tonalidades avermelhadas até o marrom, incluindo, igualmente, tonalidades de cinzento claro a cinzento escuro; as formas de vasos arredondados com os mesmos tipos de bases e, em parte, com

as mesmas formas de bordas. Todavia, existem também divergências consideráveis. A areia quartzosa aqui empregada é fina e as bolsas de ar que aparecem são pequenas, o que dá à textura da massa mais consistência e mais resistência. Em geral, os vasos são mais bem alisados, seja no interior, seja no exterior. Aparecem fragmentos de louça, por assim dizer, polida. Embora mais raramente, encontram-se, também, fragmentos de vasos feitos de tabatinga branca, temperada com areia quartzosa fina.

A decoração é o elemento pelo qual esta louça mais se destaca e que aqui é muito mais freqüente do que na dos campos. Trata-se de uma decoração incisa, formada por linhas pontilhadas em filas horizontais; linhas de pequenos losangos oriundos de carreiras de "X" justapostos; linhas paralelas zonadas; linhas em zigue-zague incisadas e mais alguns tipos de desenhos semelhantes. É notável, todavia, que esta decoração sempre se encontra no lado externo das bordas dos vasos, mas não nos bojos.

No meio deste tipo de cerâmica surge uma louça pintada em padrões de branco e vermelho, sendo que o branco servia de fundo para os desenhos pintados de vermelho. Estes consistem em faixas que se estendem na borda externa ao redor do vaso. São desenhos zonais, tendo como centro variantes de losangos.

Além destes dois estilos de cerâmica indicados, existe ainda um tipo de louça, da qual se encontraram fragmentos no meio da louça dos campos, que mostram bordas curvadas para dentro, levemente côncavas, com figuras zoomorfas no lado externo, representando em barro vermelho claro uma rã e uma cobra, em técnica excisa, semiplástica. É possível que se trate de peças de intercâmbio com outros grupos que moravam mais para a periferia dos campos. Seria interessante descobrir onde se achava o foco daquela cerâmica, um tanto fora do estilo ceramista até agora conhecido no Tumucumaque.

Dando este pequeno resumo em forma de simples nota, estamos cientes da sua insuficiência, pois como já alegamos, o material colhido ainda não foi detidamente estudado. Por isso não podemos indicar, com exatidão, os limites da difusão destas culturas arcaicas e até que ponto, territorialmente, houve superposição de tipos e de estilos. Ao que parece, a tradição indígena, basicamente, terá razão, atribuindo a louça simples, mais primitiva, aos Aibüba dos campos e a

outra, mais decorativa, aos Aibüba da mata, embora haja sítios arqueológicos onde ambos os tipos aparecem misturados. E isto se dá justamente na região das grutas, lapas e cavernas, o que prova que os grupos de nível ceramista um pouco mais elevado, ainda eram bastante primitivos no restante do equipamento de sua cultura material, sendo, pelo menos, parcialmente, ainda e também habitantes de grutas e lapas.

As áreas dos tipos de cerâmica do Tumucumaque parecem encontrar a sua continuação na Guiana Britânica, na região do alto Rupununi. Comparando as fases ceramistas ali estabelecidas por Meggers-Evans com as do Tumucumaque, a fase dos Aibüba dos campos (fase pré-tiriyó) parece corresponder-se com a fase Rupununi-Savana de Evans e a dos Aibüba da mata (fase proto-tiriyó), com a fase Taruma do mesmo autor. Mas, somente estudos mais exatos poderão fornecer evidências, conexões ou dependências das fases ceramistas daquelas duas áreas. É possível, contudo, que no Tumucumaque se encontrem ainda outros tipos de louça que poderão surgir como subtipos dos mesmos níveis ou de estilos e culturas ceramistas próprias, independentes.

II. Cavernas, grutas e lapas.

Falando em "cavernas" do Tumucumaque, seja dito, desde já que cavernas propriamente ditas existem só em número reduzido. O fundo geológico da região, constituído essencialmente de granito e quartzito, não favorece a formação de cavernas. Na maioria dos casos trata-se, então, de grutas e lapas, oriundas da acumulação e superposição de enormes blocos de pedras e rochedos. Os Tiriyó designam todos os tipos de cavernas, grutas e lapas, com a mesma expressão: tépu óta, isto é, "buraco de pedra". A seu respeito, as tradições registram quais foram outrora habitadas e quais não; por quem foram habitadas, se por grupos considerados ancestrais, do próprio estoque étnico ou por grupos alheios. Estas grutas outrora habitadas são denominadas: tépu pákoro, isto é, "casa de pedra, barraca de pedra" ou ainda: penátono pákoro, ou seja, "casa dos antigos, dos ancestrais". Tomando-se esta tradição por critério, poder-se-ia estabelecer o seguinte esquema a respeito da etnia dos antigos habitantes daquelas grutas:

a) grutas e cavernas habitadas por grupos primitivos pré-ceramistas, autóctones da região, onde pela escassez de

indícios de sua cultura material, dificilmente se encontrarão provas evidentes de sua permanência nestes lugares. Mesmo os achados de alguns líticos sem presença de cerâmicas não são prova suficiente para se afirmar a existência de um nível pré-ceramista em tais lugares, a não ser que apareçam evidências circunstanciadas; pois, geralmente, nessas grutas não existem camadas extratigráficas. Assim, alguns líticos isolados bem podem ter entrado em épocas posteriores.

b) lapas e cavernas habitadas por grupos Aibüba, proto-Aibüba ou por grupos de ambas as fases culturais em sucessão. Estes lugares são reconhecíveis, também segundo os critérios da tradição, pela louça dos tipos aibüba já referida.

c) lapas e cavernas habitadas pelos Woridjana, um grupo indígena arcaico, perecido nas lutas com os seus vizinhos Aibüba e Wáyana, cujos restos finalmente foram absorvidos, especialmente pelos últimos, de forma que a tradição tiriyó, em parte, os agrega ao rol dos ancestrais dos atuais Wáyana. Lapas e cavernas habitadas por este grupo woridjana distinguem-se, segundo a tradição tiriyó, por louça pintada em padrão branco e vermelho, ornamentação às vezes excisa, vasos zonais e principalmente por gravuras rupestres nas paredes de grutas. Todos os desenhos rupestres daquela região são atribuídos aos Woridjana. Alegam e afirmam os Tiriyó que os seus próprios ancestrais desconheciam a arte de gravar desenhos em pedra.

Esta classificação sob ponto de vista étnico, à base de critério indígena, não deixa de ter o seu valor. Aponta, não somente, o problema da procedência dos objetos encontrados e dos desenhos rupestres, mas ajuda também a solucioná-lo, pelo menos até certo ponto. Como já tivemos ocasião de apontar, a tradição indígena, basicamente, mostrou-se verdadeira, embora haja imprecisões e não seja possível controlá-la em todos os seus pormenores. Também aqui, a realidade dos fatos demonstra as diferenças por ela indicadas no estilo da cerâmica, na pintura, na ornamentação etc. Mas somente um futuro estudo pormenorizado poderá evidenciar até que ponto coincidem tradição e dados arqueológicos.

Embora seja aplicável o critério classificatório da tradição indígena, permanece sempre uma série de lacunas e dificuldades de classificação exata. Existem, p. ex., grutas, onde aparecem louças das fases aibüba e proto-aibüba quase como que misturadas. Há outros casos, embora raros, onde

se encontram desenhos rupestres provenientes, segundo a mencionada tradição, dos Woridjana, mas acompanhados por louças das fases aibüba. Isto sugere que as grutas e lapas nem sempre eram habitadas exclusivamente por gente de um só grupo étnico ou de uma só fase cultural, e sim que muitas delas eram aproveitadas por grupos de várias etnias e fases culturais diferentes, em épocas diversas. Eis o motivo, porque, para um estudo puramente arqueológico, preferiríamos adotar outro critério, baseado principalmente na finalidade destas grutas e lapas, enquanto ela, razoavelmente, possa ser deduzida das circunstâncias. Aliás, em parte, estas finalidades também são indicadas pelos Tiriyo.

Pelos achados até agora feitos, as grutas e cavernas, nas quais existem vestígios de habitação ou de trabalho humano, talvez possam ser divididas em três grupos:

- a) grutas e lapas de moradia ou de habitação;
- b) cavernas e grutas-cemitérios; e
- c) grutas e lapas com gravuras rupestres.

a) *Grutas e lapas de moradia.*

A este tipo de habitação pertence a maior parte das lapas, até agora visitadas. São distribuídas sobre toda aquela área que forma a zona transitoria de matas para os campos gerais. Encontram-se nos trechos superiores e até no alto dos morros; raramente, porém, ao pé das serras. Lapas em situação assim baixa, ao que parece, não eram apreciadas por falta de visão sobre a região. Já mencionamos que a visão sobre o terreno era um dos fatores determinantes para a escolha dos acampamentos nas colinas dos campos, critério este que parece ter tido a sua aplicação também a respeito da escolha de lapas e cavernas quando e enquanto era possível. Tais lapas de habitação até agora foram encontradas: uma no alto do Tühtakariwai, outra num contraforte desta mesma serra, duas no alto do Terêcheróge e mais uma no topo do Mawáime. Além destas visitadas e já parcialmente estudadas, temos ainda conhecimento de outra vintena nos vários rumos da região que aos poucos pretendemos explorar.

Os vestígios encontrados nas grutas indicadas, dependem em grande parte da própria situação destas cavernas, do acesso das enxurradas da chuva, que algumas vezes levavam louças e outros objetos serra abaixo, ou outras vezes

os cobriam com terra e areia, entulhando ao mesmo tempo as cavernas. Assim, o chão destas lapas e cavernas e os achados ali feitos oferecem certa variação.

A lapa que melhor deixa entrever o ambiente arcaico é a do Mawáime, porque reúne quase todos os elementos da cultura material encontrados, que nas outras lapas só aparecem mais espaçadamente.

A gruta do Mawáime está situada no alto da serra do mesmo nome. Esta é constituída por um maciço granítico que, especialmente nos flancos do lado sul, se mostra abertamente à flor da terra em forma de extensos lagados de rocha nua de aproximadamente 80 a 100 m de altura e 600 a 800 m, de comprimento. Não existe água lá em cima, a não ser os pequenos poços formados pelas chuvas que depois de alguns dias de sol, de novo secam.

A gruta se originou pela superposição de vários enormes blocos de pedra, formando uma lapa maior com 3 entradas e outra menor ao lado noroeste. A gruta maior possui uma entrada que abre para o oeste; o corredor aí formado tem 10 m de comprimento com 5,50 m de largura. Outra entrada dá para o sul; o corredor tem 5 m de comprimento e 2,50 m de largura. A terceira, abrindo para o nordeste, está quase obstruída por rochas e pedras e não é muito bem transitável, embora se possa passar por ali. A altura desta gruta varia e chega até 5 m, aproximadamente.

Fazendo um ligeiro balanço do que nela se encontrou, poderemos apontar o seguinte:

1. Lugar e vestígios de fogão. — Existia um, ainda bem marcado, numa profundidade de 10 a 20 cm abaixo da superfície do chão, protegido por algumas pedras grandes. Este fogão fica logo à esquerda da entrada oeste. Vestígios de um segundo e terceiro lugar de fogo, mais à superfície, se acharam à direita da entrada oeste e no meio da entrada sul. Todavia pode haver dúvidas sobre a antiguidade destes últimos dois lugares mencionados, porque o carvão estava numa profundidade mínima, quase à flor do solo.

2. Ao redor do lugar do fogão, ao lado da parede e das pedras do meio encontravam-se restos de cozinha, de refeições indígenas, consistindo em ossos, conchílios e caroços de frutas de palmeiras, estes últimos em maior ou menor grau de carbonização.

Os ossos encontrados foram identificados pelos índios como provenientes de: guariba, cuxiú, coatá, macaco prego, jacaré, jabuti, tatu-açu, paca, cutia, cutiaia, porco queixada

(unha), caititu, mutum, jacu, jacamim, inambu, peixe trairão (trairaçu), camaleão, duas espécies de rãs, além da casca de um ovo de mutum.

Havia duas espécies de conchílios, ambas fluviais. Devem ter sido um alimento estimado por aquela gente a julgar pelo número de cascas ali espalhadas.

Foram achados também uma série de caroços de frutas ou côcos de palmeira, mormente de babaçu e de muru-muru. Alguns ainda possuíam parte da casca fibrosa que se conservou bem ressequida por terem estado enterrados em lugar protegido, de areia seca. A maior parte, porém, estava carbonizada, embora ainda conservando a sua forma.

Estes achados mostram-nos por um lado, uma boa parte da alimentação daqueles grupos antigos. Indicam, outrossim, que aquêles índios tinham que esforçar-se, correndo campos e matas para obter o sustento diário; pois mata alta para encontrar caça grossa ou colher frutas. Igarapés para procurar peixes e conchílios, ficam a boa distância da gruta de Mawáime. Uma comparação do nível de alimentação arcaico, conquanto esteja comprovado pelos achados desta ou de outras grutas, com o dos Tiriyo modernos, mostra que, com exceção dos conchílios, foi mantida a mesma base alimentícia, acrescida hoje por produtos de horticultura.

3. Fragmentos de louça encontram-se espalhados por toda a lapa com focos mais densos nas entradas, em profundidade até 10 cm no lado sul e até 20 cm na parte oeste da lapa. Um exame superficial parece indicar a existência de tipos e subtipos de louça das várias fases culturais. Aparecem até novos elementos ornamentais que em outros sítios, até agora não se encontraram. Isto indica pelo menos uma habitação mais freqüente, embora não constante da gruta. Todavia, para uma determinação mais exata dos fragmentos de cerâmica do Mawáime, precisa-se de estudos de laboratório mais acurados, o que até o momento ainda não foi possível fazer. Ao que parece, os tipos de louça das lapas e cavernas combinam basicamente, com os dos sítios arqueológicos dos campos e das matas da região, o que parece indicar que, nem os sítios nem as lapas e grutas eram lugares de habitação exclusiva, e sim que aquela gente levava uma vida dividida entre campo e mata, dependendo a ocupação, provavelmente, das épocas do ano, da colheita de determinadas frutas do campo ou da mata, da existência ou

falta de água nos igarapés e da decorrente presença ou ausência de peixes etc. Numa dessas lapas, encontramos 4 vasos em bom estado, sendo um pintado em padrões de branco e vermelho. Segundo a explicação dos Tiriyo, trata-se de vasos em que as bebidas eram oferecidas. São formas até agora não encontradas ou não descritas para as fases correspondentes na Guiana Britânica.

4. Um dos assuntos de não menor interesse constituem os líticos encontrados. Tomamos aqui "lítico" num sentido mais amplo, abrangendo não somente objetos líticos de uso manual diário, como são armas ou enfeites de pedra, mas também pedras e rochas das mais variadas conformações, documentando o trabalho humano.

Ao primeiro grupo pertencem machadinhos de pedra, em estado ora mais ora menos fragmentário. Vários machados testemunham que foram utilizados como quebra-côcos, por mostrarem nos lados pequenas cavidades circulares, lugares onde se colocavam e quebravam os caroços de frutas de palmeiras e outras.

Na superfície plana das pedras do meio da gruta, por sua vez, acham-se 15 cavidades circulares com 10 a 15 cm de diâmetro. Dez delas, com cerca de 5 cm de profundidade, possuem um polimento interno acabado, enquanto as 5 restantes são rasas e provavelmente somente principiadas. Estávamos tentados a tomá-las por polidores de instrumentos líticos, quando os Tiriyo nos informaram que estes buracos antigamente exerceram função de pilão. De fato, desenteramos duas mãos de pilão, feitas, porém, de barro cozido e um pouco avariadas.

Duma fenda, entre duas pedras, conseguimos retirar uma peça que os Tiriyo reconheceram, imediatamente, como um tipo de batoque de orelha, denominando-a jocosamente de "brinco do velho", quer dizer, do chefe do grupo ancestral. A peça é constituída por um cilindro de pedra bem polido, possuindo numa das faces uma gravação em forma de cruz, enquanto a outra parece fragmentada.

Espalhados e misturados com os fragmentos de louça, também havia inúmeras lascas de quartzo. Muitas delas têm pelo menos uma das arestas bastante afiada. Possivelmente podem ter servido como instrumentos cortantes, escarificadores etc. Ao mesmo tempo, podem ter constituído matéria prima para serviços de olaria, pois o barro daquela época é temperado com areia quartzosa, possuindo a louça boa per-

centagem de pequenos fragmentos de quartzo moído ou batido.

A pouca distância da entrada da gruta do Mawáime, no lado de fora, encontravam-se trempes de fogão, constituídas por três pedras, colocadas em posição triangular. Aliás, é este um elemento arqueológico freqüente e bem típico da região, um elemento que se conservou até hoje entre os Tiriyo.

Outro vestígio de trabalho humano são os polidores e amoladores. Pertencem ainda ao rol dos líticos da lapa, embora indiretamente, por se acharem um pouco mais afastados dela, em pleno lagedo. Contamos ali, num veio liso do lagedo, 20 amoladores de forma estreita-oval, com aproximadamente 20 cm de comprimento, cada um. O que em outras ocasiões já pudemos observar, constatamos aqui de novo: onde existia tais veios lisos, p. ex. quartzosos em formações graníticas, esses foram preferidos para amolar e polir os instrumentos de pedra. Isto pressupõe um certo conhecimento das qualidades das rochas e de sua estrutura para o devido aproveitamento, como indica também um certo nível técnico.

Na lapa menor, ao lado, achava-se um bloco de pedra de superfície polida. A tradição tiriyo designa tais blocos como "pedras de dormir dos antigos", correspondendo, assim, às nossas camas. Para a pessoa descansar mais comodamente, foram tiradas as asperezas da superfície, e esta, sujeita a um intenso polimento. Devemos anotar que, em outras grutas encontramos tais pedras de descanso em número bastante elevado. Assim, por exemplo, numa gruta do Tühtakáriwai, a "gruta das panelas", observamos que uma série de pedras possuíam não só polimentos na superfície como também laterais. Pedras deste tipo, segundo a explicação tiriyo, serviam de "encôsto", especialmente para os guardas que tinham que vigiar as entradas das grutas durante a noite, junto a uma fogueira. Supondo que cada pedra de descanso ou de dormir tenha tido o seu ocupante, a "gruta das panelas" deveria ter abrigado 25 a 30 indivíduos, mais ou menos. Ao que nos consta, estas camas-líticas constituem um elemento novo dentro da arqueologia amazônica.

Resumindo, podemos pois dizer que estas grutas e lapas outrora habitadas se destacam pelos seguintes fatores:

- 1 — lugar de fogão geralmente perto das entradas;
- 2 — restos de alimentação, constituídos por ossos, conchílios e caroços de frutas;

- 3 — fragmentos de louça, em maior ou menor número, de fases culturais diferentes;
- 4 — os objetos líticos de uso manual e caseiro: machados e outros tipos semelhantes de instrumentos cortantes; pilões objeto de adorno; lascas de pedra de uso não muito definido, mas que, com certeza, patenteiam trabalho humano; trempes; amoladores e polidores; e finalmente as camas-líticas ou "pedras de dormir".

Está visto que a freqüência dos vários elementos diverge de gruta para gruta. Todavia, este apanhado de indícios, aqui um pouco generalizado, permite vislumbrar o ambiente caseiro dos habitantes dessas grutas naturalmente dentro dos limites que os achados arqueológicos impõem.

b) *Cavernas-cemitério.*

Até agora temos conhecimento da situação de duas cavernas deste tipo. Confessamos, francamente, que ainda não conseguimos penetrá-las, por certa resistência da parte dos índios, que respeitam bastante aqueles lugares. Não querendo provocar desentendimentos, resolvemos deixar a sua exploração para a próxima viagem. Todavia, o que os Tiriyo contam a respeito delas, é muito interessante e justifica novas pesquisas. Assim, meus informantes ressaltaram que nessas cavernas existe grande número de sepulturas do tempo dos "ancestrais dos Aibüba, mas dos bem antigos", provenientes, portanto, de fases proto ou até talvez pré-aibüba. Guardavam-se ali os defuntos de todos os grupos das cavernas e lapas circunvizinhas. Só os que morriam muito longe, eram enterrados em suas próprias grutas de habitação que, em seguida, eram abandonadas. Para o sepultamento nessas cavernas, os antigos se aproveitavam dos nichos de pedra existentes, colocando ali o cadáver fechando em seguida a frente do nicho com pedras e lages. Relatam os Tiriyo que, na caverna grande do Mawáime se encontram sepulturas deste tipo. Outro, em forma de "caixa", é mencionado especialmente na região de Mopéwaka. Fazia-se um recipiente com pedras, de forma retangular (pakará apóro — igual a uma caixa, foi a expressão usada), em cujo vão era deitado o corpo. Cobria-se depois a "caixa" com lages maiores.

Em outra ocasião ainda, meus informantes relataram "panelas grandes com ossos dos antigos", urnas portanto,

alegando que isso só se fazia antigamente e que hoje em dia os Tiriyo são enterrados no chão. Embora a este respeito e por enquanto possamos apresentar somente a tradição tribal, sem possuir as provas arqueológicas respectivas para uma comparação, a tradição por si confirma novamente que, nas formas e maneiras de sepultamento houve mudanças, as quais, também parecem enquadrar-se nas várias fases culturais do Tumucumaque, passando provavelmente de sepultamentos em nichos e "caixas" de pedras para o de urnas, até o sepultamento no chão. Levando em consideração que, segundo esta tradição, as sepulturas de pedra provêm dos "ancestrais dos Aibüba, mas dos bem antigos", tendo sido substituídas pelas urnas, existe a possibilidade de os tipos de sepultura de pedra provirem ainda de épocas pré-ceramistas. Uma constatação dessas daria às futuras pesquisas um valor excepcional.

c) Grutas e lapas com gravuras rupestres.

Temos ainda um terceiro tipo de grutas e lapas, um tanto enigmáticas quanto à sua finalidade. Trata-se de abrigos de pedra, onde, até agora, não se encontraram vestígios de que tivessem servido de moradia. Na gruta menor do Tühtakariwai p. ex., que até o momento nos parece a mais típica neste gênero, encontraram-se lugares de fogueiras nas duas entradas. O foco da entrada principal ficava cerca de 40 cm abaixo do nível do solo, possuindo 60 cm de diâmetro e uma densa camada de cinza e carvão com a espessura de um pouco mais de 10 cm. Espalhadas ao longo das paredes, mas não demasiadamente afastadas dos lugares de fogo, encontraram-se pedaços de breu de jutaí (jutaica), que os Tiriyo definiram como "Tochas dos Antigos". Encontrou-se, também, um pedaço de breu escuro, identificado pelos mesmos índios como "mani" ou cerol, ainda hoje usado por eles como matéria colante. Escavamos aquela lapa por completo, mas não se encontrou mais nada nela, nem fragmentos de louça, nem lascas de instrumentos líticos. O que, porém, contrasta com a falta de vestígios de utensílios humanos, são as gravuras rupestres que cobrem as paredes, quase por completo. Na maioria, trata-se de desenhos geométricos, lineares, mas aparecem também volutas e desenhos quase circulares. Outrossim, não faltam representações zoomorfas que, as mais das vezes, ocupam lugares de destaque; formam freqüentemente, o centro das gravuras parietais, como o sapo cururu da lapa menor ou o passarão

da gruta maior do Tühtakariwai. Outras vezes, ficam situadas em faces de pedras que formam as esquinas dos corredores, dentro das grutas maiores. Os "sapos" ali representados foram identificados pelos índios como "a velha", a saber, a velha que nos mitos era dona do fogo e que, na sua incarnation zoomorfa, se manifesta como sapo cururu. O passarão (wará) é tido como uma das formas de manifestação da alma, depois da morte; assim p. ex., todos os pagés tiriyo, depois de mortos, se transformam em passarão e nessa forma se mostram aos viventes. Por essas circunstâncias tôdas, a saber: a ausência de vestígios de objetos e utensílios humanos (a não serem as fogueiras) e a existência de representações mito-lendárias por meio de gravuras rupestres, estamos inclinados a considerar tais grutas e lapas como uma espécie de lugares cerimoniais. (2).

III. Sítios cerimoniais

Existe, no recôncavo do Tumucumaque, uma série de sítios antigos que, baseando-nos em achados e nas lendas que os cercam, seguramente podemos classificar como cerimoniais. Já publicamos as notas principais sobre o assunto; por isso podemos resumi-lo, aqui, em poucas linhas complementares. (3)

Trata-se de fileiras de pedras de maior ou menor extensão, situadas sobre lagedos abertos em pleno campo geral. Segundo a lenda, estas pedras representam ora assentos dos Aibüba, ancestrais dos Tiriyo, ora eles mesmos, transformados em pedra. Daí provém o nome que os índios lhes dão: Ometanímpe ou seja, "Os Transformados ou Encantados". A origem de cada um destes sítios é atribuída a grupos diferentes dos Aibüba, talvez sipes ou linhagens autônomas. Assim, são citados os Aibüba do Mopéwaka, os de Terêcheróge, de Taitái, etc. Como motivo principal, as lendas sempre falam de uma "noite comprida", da qual os homens tinham medo; saíam, então, de suas aldeias para os lagedos

(2) — Confessamos, todavia, que esta suposição pode ser falha, como também, que não sabemos se a interpretação tiriyo é válida; pois ignoramos se os Woridjana, presumíveis autores destas gravuras, possuíam uma mitologia essencialmente idêntica à atual tiriyo. Futuras escavações em outras lapas deste gênero talvez possam evidenciar fatos ainda desconhecidos, pondo em relêvo o verdadeiro sentido, uso ou finalidade destas lapas e grutas com gravuras rupestres.

(3) — Para pormenores ver: Frikel, Protásio, 1961 — Ometanímpe, Os "Transformados" — Boletim do Museu Paraense "Emílio Goeldi" — Antropologia — N.º 17

dos campos para ali realizar cerimônias xamanistas, denominadas de "warúnu", para fazer o sol nascer e para, destarte, terminar a noite comprida. Sentado nas pedras, o grupo chorava e esperava o sol. De fato o local e a disposição das pedras, tendo à frente a porção maior de lagedo, corresponde à tradição e sugere que ali tenha sido um local de cerimônias, referentes ao sol nascente. Nesta conexão, vale lembrar que também os acampamentos dos Aibüba dos campos mostram a mesma situação preferencial orientada para o nascente. Pelo fato de os índios ainda hoje explicarem quais as pedras dos chefes, quais as dos homens ou das mulheres, pode-se concluir que o grupo inteiro tomava parte nesse ritual. Resumindo poderíamos, pois, definir aqueles sítios como:

- a) locais próprios para reuniões e cerimônias,
- b) provenientes de diferentes grupos (sipes, linhagens) do mesmo povo Aibüba, onde
- c) se acham assentos constituídos por pedras postas em fila que
- d) por sua posição indicam que a parte cerimonial se passava pelo lado do sol nascente, no lagedo aberto e que
- e) o grupo todo, sem distinção de sexo, participava destas reuniões e cerimônias.

Isoladamente, em alguns destes lugares, existem gravuras rupestres muito simples, mas não se pode afirmar que sejam da época das filas de pedras ou posteriores. Abstraindo-se delas, estes sítios se destacam por uma falta absoluta de indícios concretos que os situem, com segurança, em uma das fases culturais, observadas no Tumucumaque. Até hoje, ali não se acharam fragmentos de cerâmica ou de outros materiais, nem mesmo de líticos. Ademais, estes sítios cerimoniais possuem um aspecto tão primitivo em toda a sua instalação, que deixam a impressão de uma época de nível cultural bastante remota, quiçá pré-ceramista. Se a tradição tiriyo alega origens como sendo dos Aibüba do Mopéwaka e do Terécheróge, serras onde existem grutas e sítios com níveis ceramistas, estas origens só poderiam ser atribuídas aos Aibüba em sentido de autóctones pré-ceramistas que também tinham habitado aquelas cavernas, segundo a mesma tradição; ou ainda que aquele cerimonial dos lagedos, provindo de fases anteriores, perdurou até a época dos grupos ceramistas, os Aibüba do Mopéwaka etc., que

foram os últimos a realizá-lo. A tradição, infelizmente, não esclarece bem o assunto.

Outros relatos tribais, ligados àquelas fileiras de pedras, aos conceitos de "longa noite" e "espera pelo sol" e aos rituais do "warúnu" sugerem por um lado a existência de cerimônias de solstício ou fenômenos semelhantes, como também, por outro lado, migrações daqueles grupos primitivos, de regiões quiçá bastante setentrionais.

Finalizando: Tentamos nestas linhas uma análise explicativa de uma série de fatos arqueológicos no Tumucumaque, à base da tradição indígena tiriyo. Existem, naturalmente, ainda muitíssimos outros relatos que não cabem dentro deste espaço resumido. Mas demonstrou-se, que o uso da tradição e da memória tribal, juntamente com outros elementos comprovatórios fornecidos pela arqueologia, pode ser, realmente, um fator decisivo para a compreensão das coisas do passado e do presente para, em outros termos reconstruir a cultura arcaica dos Aibüba e explicar melhor a dos modernos Tiriyo.

SUMMARY.

The present paper is a previous note for an ethno-historical study of the now extinct Aibüba, ancestors of the contemporary Tiriyo, inhabitants of the Tumucumaque range, Brazilian Guyana.

The paper is based on data obtained from the tribal tradition and memory of the Tiriyo, on archaeological findings, and historical documents as well as a first hand knowledge of the culture of the contemporary Tiriyo.